

MULHERES INDÍGENAS DO MATO GROSSO DO SUL E(M) ASSOCIAÇÕES

Letícia Destri Centrone (lee.destri@gmail.com)

Simone Becker (simonebk@yahoo.com.br)

A presente pesquisa surge, tendo em vista o acontecimento da 4ª Aty Kuña, a Grande Assembleia das Mulheres Guarani Kaiowá, entre os dias 18 a 22 de setembro de 2017 em Kurussu Amba, município de Coronel Sapucaia no estado de Mato Grosso Do Sul. Dediquei-me a analisar as produções sobre associativismo de mulheres indígenas no país, tendo como objeto a análise da Aty Kunã. Sendo assim, busco compreender como se dão as perspectivas de gênero dentro de uma associação de mulheres indígenas, quais são suas demandas e seu papel nas comunidades indígenas. A metodologia usada para chegar a tal objetivo foi a revisão bibliográfica dos movimentos mulheres indígena no país, usando referenciais teóricos como Ângela Sacchi (2005), que tem um trabalho voltado para o associativismo de mulheres indígenas no norte do Brasil, e também trabalhos produzidos no Mato Grosso do sul voltados para as Guarani e Kaiwa, como o de Priscila Anzoategui (2017) e Lauriene Seraguza (2013). Além disso, uso do trabalho de campo em eventos, conversas e atividades nas quais mulheres Guarani e Kaiowá estavam presentes para melhor compreensão da revisão bibliográfica. A Aty kunã trata-se da grande assembleia das mulheres Guarani e Kaiowá, tal assembleia advém da Aty Guasu que é a grande assembleia dos Guarani-Kaiowá. A Aty Guassu acontece desde a década de 1970 como forma de luta e resistência dos Guarani-Kaiowá, perante a expropriação de seus territórios tradicionais. Mas é só em 2006 que acontece a primeira Aty Kunã, após o despejo de Ñanderu Marangatu como forma de iniciar um movimento de mulheres, mas também como forma de fortalecer a comunidade (ANZOATEGUI, 2017). A Aty Kuña tem como foco nas pautas das mulheres, mas toda a comunidade é convidada a participar. Lá são discutidas pautas como violência doméstica, políticas para as mulheres indígenas, e etc. Fica nítido que o foco da Aty Kunã e as pautas das mulheres Guarani e Kaiowá, não se desvincular da pauta da demarcação de terras. Corpo político é terra (BUTLER, 2015). Portanto, a luta das mulheres indígenas, manifestada na Aty Kuña, não é apenas por seus direitos específicos, é também uma forma de fortalecer a luta principal dos povos indígenas, que é a demarcação de seus territórios tradicionais.